

# REDES FAMILIARES E CLIENTELARES NOS PARATEXTOS DE SOROR TOMÁSIA CAETANA DE SANTA MARIA

ANA REIS\*

**Resumo:** O corpus poético impresso de soror Tomásia Caetana de Santa Maria, religiosa do Mosteiro de Santa Cruz de Vila Viçosa, é composto na sua totalidade por poesia de circunstância, relacionada com eventos familiares da realeza portuguesa. O contexto da edição e da circulação da sua poesia evidencia a existência de uma rede familiar — sobretudo na pessoa do seu pai, Manuel de Mira Valadão, o principal patrocinador das suas obras. Se considerarmos os paratextos das obras impressas de soror Tomásia Caetana, vislumbramos uma rede de intervenientes que interessa conhecer, uma vez que permitem compreender processos de edição no século XVIII, particularmente no caso de escritoras religiosas. As práticas sociais e circunstanciais que dão origem a estas extensas redes literárias contribuíram para a vigência da literatura monástica feminina em contexto peninsular, sendo o caso de soror Tomásia Caetana um exemplo evidente. A partir de uma perspetiva social, é possível compreender melhor o contexto de escrita, de publicação e de difusão de obras de autoria feminina na Época Moderna.

**Palavras-chave:** Literatura monástica feminina; Época Moderna; Redes literárias.

**Abstract:** Sister Tomásia Caetana de Santa Maria, a nun in the Monastery of Santa Cruz in Vila Viçosa, has produced a printed corpus almost entirely composed of poetry of circumstance, on occasion of Portuguese royal family events. The context of her poetry's publishing and circulation reveals that a family network was in place — especially in the figure of her father, Manuel de Mira Valadão, the main sponsor of her work. From the paratexts of Sister Tomásia Caetana's printed work, it is possible to observe a network of interesting agents, whose role is fundamental to understand publishing processes in the 18<sup>th</sup> century, specifically in the case of religious women writers. The social and circumstantial practises leading to the construction of such vast literary networks have contributed to the success of religious female literature in the Iberian Peninsula, and Sister Tomásia Caetana is one clear example of this. From a social perspective, it is possible to have a better understanding of the contexts of writing, publishing, and promotion of women's literary works in the Portuguese Modern Period.

**Keywords:** Religious women's literature; Early Modern; Literary networks.

A metodologia do estudo das redes sociais tem sido adotada por muitos investigadores da área de literatura para estudar estratégias editoriais e contactos entre autores e o seu público<sup>1</sup>. Complementada pela abordagem sociológica, ela permite uma observação da reali-

---

\* CITCEM/FLUP; FCT. Ana Reis tem uma bolsa de doutoramento da FCT, com a referência SFRH/BD/121915/2016. Email: up200403832@up.pt.

<sup>1</sup> A área recente das humanidades digitais tem potenciado o aparecimento de vários projetos que utilizam ferramentas de análise aplicadas à literatura. Para as redes literárias, Espanha tem sido particularmente prolífica, destacando-se os projetos *The Preliminaries Project*, que analisa autores de paratextos da Época Moderna, e *Redes de Sociabilidad de las Autoras* da BIESES, que fornece representações gráficas de redes em torno de autoras dos séculos XV-XVIII.

dade literária, norteadas por questões várias, como as que, pertinentemente, Brown, Soto-Corominas e Suárez formularam no artigo *The Preliminaries Project: Geography, Networks, and Publication in the Spanish Golden Age*:

*Did individuals form communities around the process of publication? If so, what types of individuals interacted to produce a book? How do these communities relate to the historical context of [...] book production?*

*[...] What kind of interactions can be observed in the preliminaries data? Were certain individuals able to exert more power over the process of publication? If so, what conditions led to this imbalance<sup>2</sup>?*

No contexto da literatura conventual feminina portuguesa no século XVIII, a abordagem social afigura-se particularmente vantajosa. Com efeito, tratando-se de obras produzidas por autoras religiosas, sujeitas a uma restrita condição de clausura e limitadas a um espaço do qual não deveriam sair, estas autoras ficariam, portanto, dependentes de outros indivíduos que pudessem servir como extensão das suas ambições literárias. A teoria das redes permite, assim, mapear um círculo social que se formava em torno das autoras religiosas, e perceber de que forma cada indivíduo estava ligado aos outros elementos da rede e como usava a sua influência para contornar os meandros editoriais. Analisar estas redes literárias ajuda igualmente a compreender não só que os muros dos mosteiros eram bastante mais permeáveis do que seria porventura desejável, mas também de que forma operava essa permeabilidade e quais os motivos para que tal sucedesse.

No âmbito das sociabilidades, o caso de soror Tomásia Caetana de Santa Maria afigura-se de particular interesse, não só pela especificidade da obra da religiosa, mas também pela quantidade. Os dados biográficos que se conhecem de soror Tomásia Caetana são brevemente descritos por Diogo Barbosa Machado:

*Naceu em Lisboa a 7 de março de 1719, sendo filha de Manuel de Mira Valedão, e Josefa Maria. Recebeu o hábito eremítico de Santo Agostinho no Convento de Santa Cruz de Vila-Viçosa a 19 de setembro de 1731, e professou solemnemente a 15 de outubro do ano seguinte<sup>3</sup>.*

Soror Tomásia Caetana deixou uma lista bibliográfica de vários textos poéticos avulsos e um poema, *Armonias do affecto e clauzulas da obrigação expressadas na gloria dos felicíssimos annos do Senhor D. Jozé príncipe da Beira*, de 1769, que não chegou ao prelo por ter sido suprimido pelas entidades censórias<sup>4</sup>. Certamente terá produzido mais textos ainda hoje desconhecidos. Tal quantidade de obras não deixa de ser, no entanto, impressiva, considerando que,

---

<sup>2</sup> BROWN, SOTO-COROMINAS, SUÁREZ, 2017: 709.

<sup>3</sup> MACHADO, 1752: 752.

<sup>4</sup> MORUJÃO, 1993: 135.

nesta altura, se atravessava já uma fase de progressiva descredibilização das ordens religiosas, que viria a culminar na exclausuração de 1834. O momento de maior incidência da literatura de origem monástica feminina tinha já passado<sup>5</sup>, e Tomásia Caetana de Santa Maria será talvez uma das últimas religiosas de expressão socioliterária na Época Moderna, uma vez que o destaque editorial da literatura monástica ter-se-ia mantido até, sensivelmente, ao início da segunda metade do século XVIII,

*altura em que, por motivos de diversa ordem, como os novos ideais científicos com consequências laicizantes, se assiste a uma desvalorização e a uma queda deste tipo de literatura. A obra da religiosa Soror Tomásia Caetana de Santa Maria corresponde justamente a um momento de dissolução da intencionalidade e função formativa e didáctica que, como se verá, caracteriza a literatura monástica feminina. [...] A difusão da obra de Soror Tomásia Caetana resulta já de um simples efeito social de pervivência ainda produtiva do passado sobre o presente, esbatendo-se a percepção literária propriamente dita dos textos. A repercussão da sua obra em espaço editorial prende-se, sobretudo, com a origem ainda prestigiante da produção — uma produção feita em sede monástica — e não tanto com formas ou conteúdos específicos da clausura feminina<sup>6</sup>.*

Efetivamente, a *auctoritas* conferida pelo espaço do convento contribuiu para que soror Tomásia Caetana assegurasse para si um lugar de prestígio entre o parnaso de autoras religiosas. Contudo, a análise dos paratextos das suas obras permite identificar outros fatores determinantes para o seu sucesso editorial. Uma observação atenta das folhas de rosto permite evidenciar um jogo tipográfico de maiúsculas e minúsculas, de negritos, redondos, itálicos e tamanhos de letra, que prioriza determinados elementos em detrimento de outros, estabelecendo uma hierarquia de informação decisiva para que a obra pudesse receber não só a aprovação da censura, mas também um bom acolhimento por parte do público.

De facto, se os títulos são escolhas óbvias, enquanto dados a sobressair na mancha tipográfica da página de rosto, a seleção de outros elementos decorre de uma manifestação dessa hierarquia de informação. O assunto dos textos sobressai de imediato, sendo que, em soror Tomásia Caetana, existem duas matérias claramente dominantes: a religiosa e a de cariz social. Dos textos abrangidos pelo presente *corpus* de estudo, apenas um — *Expressões de um devoto arrependimento à imagem de Cristo crucificado* (1743) — é de temática exclusivamente religiosa. *Relação nova, que a pia devoção dedica à soberana imagem da Senhora do Rosário sita no Real Convento de S. Domingos desta cidade, em que se atribui a castigo de Deus pelos pecados do mundo a falta de água, que anunciava esterilidade; saindo em procissão várias imagens milagrosas, assim nesta Corte, como em Vila Viçosa, e mais partes da Cristandade* (1750), utiliza a

<sup>5</sup> A literatura monástica feminina encontra o seu momento mais profícuo entre a segunda metade do século XVII e a primeira metade do século XVIII, inicialmente com soror Violante do Céu, e depois com as várias obras de soror Maria do Céu e de soror Madalena da Glória, ambas do Mosteiro da Esperança de Lisboa.

<sup>6</sup> MORUJÃO, 2013: 32.

devoção à imagem da Nossa Senhora do Rosário do Real Convento de S. Domingos como estímulo para escrever sobre a carência de água<sup>7</sup>.

Os restantes textos que se conhecem da autora encenam um diálogo com elementos do clero e da nobreza, aproveitando episódios de ordem diversa. Assim, entre a sua bibliografia, encontram-se textos em que soror Tomásia Caetana manifesta o seu pesar pela morte de várias personagens civis e religiosas da corte portuguesa: do desembargador Luís Borges de Carvalho, em 1753, do cardeal D. Tomás de Almeida e da rainha D. Mariana de Áustria (ambos falecidos em 1754), do jovem infante D. João, em 1763, e ainda do infante D. Manuel, em 1766. Em *Desafogo da Pena Mais Sentida*, demonstra a sua lealdade para com o rei, comentando a tentativa de regicídio de D. José I, que ocorrera em setembro de 1758 que viria posteriormente a ter como consequência o processo contra os Távoras. As bodas reais inspiram igualmente a atividade poética de soror Tomásia Caetana, que, em 1760, compõe um texto destinado a celebrar o casamento da Princesa do Brasil — a futura rainha D. Maria I —, com o infante D. Pedro, ao qual se seguem os textos *Júbilos Festivos de Portugal*, de 1761, e *Venturas da Lusitana*, a sua última produção, em 1767, nos quais soror Tomásia rejubila com o nascimento de ambos os filhos da monarca, respetivamente o príncipe D. José e o infante D. João, futuro rei D. João VI por morte do irmão. A quase totalidade da bibliografia desta religiosa é, pois, de cariz marcadamente social, visando a exaltação do poder e das instituições vigentes.

Em obras de temática laudatória, as folhas de rosto facilitam a perceção do sentimento que esteve na base da manifestação poética. Os textos mais pesarosos fazem incidir as caixas altas e de maior dimensão em vocábulos como «Saudosas expressões», «Sentidas expressões», «Últimas expressões», «Desafogo da pena» e «Queixas da saudade», enquanto que em temáticas mais felizes sobressaem termos efusivos, geralmente associados a um sentimento nacionalista, como «Glória de Portugal», «Júbilos festivos de Portugal» e «Venturas da Lusitana». Como é evidente, os nomes dos protagonistas surgem sempre em relevo. A escolha das personalidades e dos eventos a comentar obedecia a critérios sociais de prestígio, e soror Tomásia Caetana dificilmente seria um caso único na escrita e impressão de textos de circunstância. Nas miscelâneas portuguesas do século XVIII, proliferavam estes folhetos de homenagem e louvor às instâncias do poder, multiplicando-se as individualidades e as razões para se lhes dedicar textos laudatórios. Uma observação mais atenta destes textos de circunstância sugere até que os seus autores pareciam funcionar em rede, homenageando-se reciprocamente em

<sup>7</sup> A questão das temáticas é também evidenciada pela escolha de gravuras para a página de rosto. *Expressões de um devoto arrependimento à imagem de Cristo crucificado* e *Relação nova, que a pia devoção dedica à soberana imagem da Senhora do Rosário* exibem gravuras de cariz religioso alusivas ao assunto do texto (respetivamente a imagem de Cristo na cruz e a imagem de Nossa Senhora), enquanto que, para outros textos, foram escolhidos simplesmente arabescos sem significado aparente. O único texto de cariz social cuja gravura está relacionada com a temática é *Sentidas expressões de um peito magoado na morte do eminentíssimo senhor D. Tomás de Almeida*, que representa uma eça. Esta escolha pode estar relacionada com o grau de eminência do protagonista do texto. Por coincidência ou não, a mesma gravura, com uma pequena variação, é utilizada em *Pranto saudoso com que deplora um coração magoado na morte da augustíssima senhora D. Maria Ana de Áustria* (1754), de Josefa do Nascimento, com a mesma temática, do mesmo ano, e igualmente de autoria feminina.

preliminares laudatórios, como veremos adiante. Organizavam-se igualmente coletâneas de textos dedicados ao mesmo assunto, com vários autores, seguindo um código literário e social subjogado ao poder vigente. Tendo em consideração este contexto da literatura de circunstância, os temas escolhidos por soror Tomásia Caetana não são de todo surpreendentes. O mais improvável, de facto, será o seu texto *Saudosas expressões de um reverente e obsequioso afeto na sensível morte do Desembargador Luís Borges de Carvalho* (1753). O desembargador Luís Borges de Carvalho era um autor prolífico, conectado com as esferas do poder civil e religioso, tendo mesmo chegado a participar em antologias de homenagem a certas personalidades ou de manifestação pública perante determinados acontecimentos, em que soror Tomásia Caetana também participou. Tal é o caso de *Culto fúnebre à memória sempre saudosa do fidelíssimo, augusto, magnífico, e pio monarca o senhor D. João V rei de Portugal*<sup>8</sup>. Enquanto desembargador, Luís Borges de Carvalho era funcionário régio e foi ele que, curiosamente, assinou a licença do Paço da primeira obra de soror Tomásia Caetana, *Expressões de um devoto arrependimento à imagem de Cristo crucificado*. Não deixa de ser produtivo interrogarmo-nos sobre as razões que terão levado soror Tomásia Caetana a dedicar a um seu antigo censor uma composição panegírica.

Por outro lado, alguma documentação cruzada permite descortinar um interesse do desembargador pela realidade conventual sua contemporânea. Uma compilação de textos do autor, conservada na Biblioteca da Ajuda<sup>9</sup>, inclui uma grande parte de composições dedicadas a eventos de corte e da família real, e uma parte de textos dedicados a religiosas, como *A uma Religiosa chamada Ana, sendo eleita Prelada de um convento* (n.º 30) e *À eleição para Prelada, e para escritã de duas beneméritas Religiosas* (n.º 49), o que comprova a sua atenção aos acontecimentos centrais da clausura feminina portuguesa e que poderia explicar um conhecimento seu mais direto de soror Tomásia Caetana. O que surpreende nesta documentação encontrada sobre Luís Borges de Carvalho é o documento n.º 52. Trata-se do texto *Representação que pela ocasião dos perdões das Endoenças fez ao Fidelíssimo Rei o Senhor D. João V o Autor, estando no Limoeiro, e já mandado riscar dos livros do serviço do dito senhor; por ter sido por esse tempo preso com outros mais sujeitos, que se acharam compreendidos com excessos freiráticos. Exporta com tão bom sucesso que saiu perdoado, e inteiramente restituído ao mesmo que era de antes*. Ou seja, por improvável que pareça, soror Tomásia Caetana terá dedicado — conseguindo a aprovação da censura — uma das suas primeiras composições a um homem que já tinha sido condenado por práticas freiráticas.

Regressando de novo aos aspetos formais das folhas de rosto das obras de soror Tomásia Caetana, salienta-se a importância que nelas assume a presença de um dedicatário. A partir de

<sup>8</sup> Luís Borges de Carvalho é publicado no primeiro volume, enquanto que a composição poética de soror Tomásia Caetana surge no segundo. Este mesmo volume inclui ainda um texto de António Correia Viana, autor de paratextos na obra de soror Tomásia Caetana e compilador de obras de Luís Borges de Carvalho.

<sup>9</sup> Como indicado na nota anterior, esta compilação é organizada e copiada por António Correia Viana. Trata-se do documento com a cota 49-III-55.

1758, as obras de soror Tomásia (à exceção de duas, como se verá adiante) passam a ser recorrentemente oferecidas a Nossa Senhora da Conceição, escolha que poderá explicar-se por uma necessidade de soror Tomásia Caetana ancorar os seus textos de inserção social na origem religiosa que os produzia. Sem diminuir a devoção que a religiosa certamente teria à sua padroeira, não se pode deixar de sugerir que a dedicatória à Nossa Senhora terá constituído uma estratégia eficaz para contornar as severidades da censura. Afinal, publicar livros não era uma atividade habitual ou associável à vida de religiosas de clausura, sobretudo tratando-se da publicação de textos de comentário social, que manifestavam claramente uma atenção excessiva e, como tal, algo imprópria ou desadequada à vida de quem deveria dedicar o seu tempo e os seus pensamentos a matérias divinas. Não se pode ainda esquecer o facto de que a figura da Nossa Senhora da Conceição, além de ser o orago de Vila Viçosa, era a santa padroeira de Portugal desde D. João IV, pelo que a sua invocação se revestia de um duplo significado: religioso e patriótico.

Outros dedicatários, de origem secular, presentes em apenas quatro obras de soror Tomásia Caetana, cumpriam um papel estratégico. *Glória de Portugal nos felicíssimos desposórios da sereníssima senhora princesa do Brasil com o sereníssimo senhor infante D. Pedro* é um poema dedicado «a toda a Nobreza da Corte, e Reino», um dedicatário coletivo e, por esse motivo, singular entre os destinatários das dedicatórias de soror Tomásia Caetana. Convém lembrar que o Real Convento de Vila Viçosa, como muitos outros, dependia da Casa Real para sobreviver, pelo que era determinante manter vínculos estáveis com elementos da corte. Assim, não era de subestimar a importância de uma religiosa que, ao publicar textos lisonjeiros, dava visibilidade ao mosteiro. A dedicatória «a toda a Nobreza da Corte, e Reino» deve ser enquadrada na perspectiva das relações e atenções mútuas que se viviam entre o convento e a corte.

Da mesma forma, a escolha de dedicatários individuais, mas igualmente proeminentes, cimanta as relações entre o claustro e o exterior, além de garantir uma proteção editorial no momento de obter autorização para imprimir. A esta distância de séculos, nem sempre é fácil identificar intervenientes ou a natureza dos laços que os unem. Afortunadamente, os paratextos permitem, com alguma frequência, reconstruir parte da narrativa e encontrar a lógica que terá guiado os responsáveis pelas edições na escolha dos seus agentes protetores. Tal acontece com D. Maria Próspera de Menezes, dedicatária de *Sentidas expressões de um peito magoado na morte do eminentíssimo senhor D. Tomás de Almeida, cardeal patriarca primeiro de Lisboa*. É a própria soror Tomásia Caetana, autora da dedicatória à distinta senhora, que revela uma relação prévia de convivência ou carteamto, relembrando o «generoso ânimo de Vossa Senhoria, sendo tão benigna em dar atenção às minhas toscas prendas, procurando-as por gosto, ou divertimento»<sup>10</sup>, no que se deduz que D. Maria Próspera lhe solicitava poemas<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> SANTA MARIA, 1754a: fl. não numerado (dedicatória).

<sup>11</sup> A partir deste trecho, pode-se também concluir que soror Tomásia Caetana de Santa Maria terá produzido mais do que se conhece, e que os seus textos circulariam amplamente de forma manuscrita.

Um segundo motivo de escolha desta insigne dedicatária reside nos laços familiares, uma vez que o «Senhor D. Afonso Manuel de Menezes, Senhor da Ponte da Barca, tio paterno de Vossa Senhoria, casou com a Senhora D. Antónia de Bourbon, sobrinha do Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca, que Deus tem»<sup>12</sup>.

A rede mostra-se mais difícil de reconstruir no caso dos dedicatários de *Saudosas expressões de um reverente e obsequioso afeto na sensível morte do Desembargador Luís Borges de Carvalho* (1753) e de *Queixas da saudade na falta do sereníssimo senhor D. Manuel infante de Portugal* (1766), respetivamente Rodrigo de Oliveira Braga e o Dr. Agostinho Leite Ferreira. Rodrigo de Oliveira Braga surge identificado na folha de rosto de *Saudosas expressões* como familiar do Santo Ofício — um cargo de prestígio na sociedade do século XVIII —, natural de Braga e assistente em Lisboa. A curta dedicatória assinada pela autora designa-o como «animoso Mecenas»<sup>13</sup>, sem, contudo, lhe destinar mais do que algumas palavras laudatórias. A dedicatória feita ao Dr. Agostinho Leite Ferreira é ainda mais atípica, uma vez que não consiste num texto dirigido ao visado, mas antes numa página, no verso da folha de rosto, onde se informa que o texto foi dedicado. Em vez de se tratar de uma dedicatória em discurso direto, surge uma informação, em discurso indireto, que ostenta a indicação «Oferecido ao Senhor Doutor Agostinho Leite Ferreira, Cavalheiro Professo na Ordem de Cristo, Advogado na Vila de Guimarães»<sup>14</sup>. Licenciado em Cânones pela Universidade de Coimbra, o Dr. Agostinho Leite Ferreira seria alguém influente em Guimarães, uma vez que é possível localizar o seu nome em documentação institucional vimaranense do século XVIII. Esta apresentação diferenciada do dedicatário poderá sugerir diferentes graus de relacionamento de soror Tomásia Caetana com a entidade a quem dedica os seus textos, sendo até legítimo perguntar até que ponto a autora conhecia os destinatários das suas obras. Na verdade, um outro agente da rede da religiosa poderá ter assumido a responsabilidade da escolha de dedicatários.

De facto, a figura mais frequente na rede de relações estabelecida pelos paratextos da obra de soror Tomásia Caetana é a do pai, Manuel de Mira Valadão. Presença incontornável nas publicações da filha, Mira Valadão ganha visibilidade na quase totalidade das folhas de rosto<sup>15</sup>, anunciando não só o laço familiar com a religiosa, mas também o seu papel enquanto patrocinador financeiro das obras, que eram «Dadas à luz por seu Pai, Manuel de Mira Valadão, Cirurgião aprovado nesta Corte»<sup>16</sup>. As licenças de impressão (editadas apenas numa pequena minoria das obras de soror Tomásia Caetana<sup>17</sup>) são indicativas do seu protagonismo

<sup>12</sup> SANTA MARIA, 1754a: fl. não numerado (dedicatória).

<sup>13</sup> SANTA MARIA, 1753: fl. não numerado (dedicatória).

<sup>14</sup> SANTA MARIA, 1766: fl. não numerado (verso da página de rosto).

<sup>15</sup> Excetua-se apenas *Expressões de um devoto arrependimento à imagem de Cristo crucificado* (SANTA MARIA, 1743), a primeira obra de soror Tomásia Caetana.

<sup>16</sup> Com ligeiras variações, a expressão surge em todas as obras, à exceção da indicada na nota anterior.

<sup>17</sup> Apenas três obras da religiosa — *Expressões de um devoto arrependimento à imagem de Cristo Crucificado*, *Últimas expressões de Portugal na sentidíssima morte da augustíssima Rainha a D. Mariana de Áustria e Desafogo da pena mais sentida* — exibem as licenças. Possivelmente, a escolha de incluir ou não as licenças pertenceria ao impressor, consoante o espaço disponível na publicação.

nas obras da filha, uma vez que é Mira Valadão quem «intenta imprimir»<sup>18</sup> e «pretende dar ao prelo»<sup>19</sup>. Os paratextos tornam possível perceber que Mira Valadão, mais do que apenas um pai extremo e entusiasta com os talentos da filha, é ainda, não só um intermediário entre o claustro e as casas de impressão, mas um verdadeiro agente literário, um homem com uma rede forte de conhecimentos e dotado dos meios eficazes para assegurar o êxito do processo de edição das obras da filha.<sup>20</sup>

Entender as reais motivações de Mira Valadão implica conhecer esta figura e o seu percurso pessoal e profissional<sup>21</sup>. Manuel de Mira Valadão nasceu em 1699 em Vila Nova de Baronia, filho de Manuel de Mira Tourego e de Antónia Valadão. Tudo leva a entender que passou a infância e o início da adolescência na sua terra natal e que, em 1716, foi para Vila Viçosa estudar. Em 1720, Mira Valadão era clérigo *in minoribus* e estava a estudar na Universidade de Évora, que tinha os mesmos cursos que Coimbra à exceção de Medicina e Direito Civil<sup>22</sup>. Desconhecendo-se a data em que Mira Valadão deixou Évora, sabe-se que, entre 1726 e 1735, residiu em Santa Justa (Lisboa)<sup>23</sup>. A alteração de morada acarretou igualmente uma mudança de carreira, sobre a qual apenas se pode intuir. Se, em 1721<sup>24</sup>, Mira Valadão estudava Cânones ou Teologia em Évora, anos depois, nas obras da filha, surgirá como «Cirurgião aprovado nesta Corte». A escolha de carreira poderá estar relacionada com os antecedentes familiares, uma vez que o avô materno era barbeiro<sup>25</sup> e, sediado em Lisboa, Mira Valadão tinha a possibilidade de frequentar a Escola de Cirurgia do Hospital de Todos os Santos<sup>26</sup>, a principal fonte de formação em cirurgia do país no início do século XVIII. Como cirurgião, Mira Valadão não usufruía do estatuto social de um médico ou físico. A distinção entre médicos e as restantes categorias profissionais ligadas à medicina — como os boticários, os sangradores e barbeiros, ou

<sup>18</sup> SANTA MARIA, 1754b: fl. não numerado (licença de Fr. Jorge da Encarnação).

<sup>19</sup> SANTA MARIA, 1754b: fl. não numerado (licença de José Tomás Borges). Também SANTA MARIA, 1759: fl. não numerado (licenças).

<sup>20</sup> Isabel Morujão coloca a hipótese de que Mira Valadão, além de desempenhar um eficaz papel de promotor, sugeriria à filha os assuntos sobre os quais poderia ou deveria escrever. MORUJÃO, 1993: 131.

<sup>21</sup> A distância temporal entre a época de Mira Valadão e o atual momento da investigação faz com que surjam lapsos justificados por falta de documentação e por dificuldade em aceder a informação. Certamente que futuras pesquisas permitirão preencher os dados em falta.

<sup>22</sup> Conforme processo *de genere*. ADE. Mç. n.º 27, Proc. N.º 234.

<sup>23</sup> Entre estas datas, Manuel de Mira Valadão e Josefa Maria têm três filhos, registados nos *Livros de Batismos de Santa Justa* (ANTT). As datas não parecem coincidir com as da biografia que Barbosa Machado escreveu sobre soror Tomásia Caetana, segundo a qual a autora nasceu em 7 de março de 1719 (data em que Mira Valadão, ainda novo, possivelmente tentava uma carreira eclesiástica entre Vila Viçosa e Évora) e professou em Vila Viçosa em 1732. Até ao momento, não existem dados que possam comprovar ou contrariar as datas indicadas por Barbosa Machado, uma vez que não foi encontrado nenhum registo de casamento de Mira Valadão, nem registo de batismo ou livro de profissão de soror Tomásia Caetana.

<sup>24</sup> Conforme AUC. *Livros de Matrículas da Universidade de Évora*.

<sup>25</sup> Conforme processo *de genere*. Sobre as profissões médicas, falar-se-á adiante.

<sup>26</sup> Uma vez mais, a sugestão afigura-se no campo das hipóteses, uma vez que o Terramoto de 1755 destruiu totalmente o Hospital de Todos os Santos, pelo que a documentação anterior a esta data desapareceu. Pode-se excluir, contudo, a possibilidade de Mira Valadão ter estudado Medicina em Coimbra ou em Salamanca (a principal alternativa a Coimbra), uma vez que o seu nome não aparece nos registos de matrículas.

os cirurgiões —, com origem na Idade Média, opunha o exercício da Medicina, erudito e contemplativo, à prática curativa que pressupunha «a manipulação dos corpos e do sangue»<sup>27</sup>, pelo que estes profissionais tinham uma formação mais prática dos que os médicos oriundos dos cursos universitários de Medicina.

Nas obras de soror Tomásia Caetana, Mira Valadão apresenta-se com o epíteto «Cirurgião aprovado nesta Corte» ou, num caso único<sup>28</sup>, como «Cirurgião aprovado nesta Cidade». Durante grande parte da Época Moderna, as profissões médicas requeriam não só a formação institucional, mas, sobretudo, a validação da formação prática então realizada pelo físico-mor e pelo cirurgião-mor, representantes da corte, escolhidos vitaliciamente pelo grupo de médicos régios, que tinham a função de avaliar e aprovar cada profissional de saúde em Portugal<sup>29</sup>. Assim, Mira Valadão não seria propriamente um cirurgião da corte, mas somente aprovado pelos representantes da corte, porventura almejando uma carreira junto das entidades régias. As profissões médicas viviam um período conturbado, concorrendo entre si, pelo que o pai de soror Tomásia Caetana aproveitaria todas as oportunidades para proceder à sua escalada profissional e social. Parece verificar-se a hipótese avançada por Isabel Morujão de que Mira Valadão utilizou as obras da filha como um «recurso para dourar a sua própria imagem e obter, deste modo, para si próprio maior prestígio na corte»<sup>30</sup>. Assim, a rede de soror Tomásia Caetana tinha como centro não só a religiosa, mas também o pai, com os seus vínculos particulares, que poderiam certamente incluir os dedicatários Rodrigo de Oliveira Braga e o Dr. Agostinho Leite Ferreira (já referidos acima), pouco conhecidos da religiosa.

Os textos de soror Tomásia Caetana, em geral, vêm acompanhados por textos de louvor à autora, escritos por outros autores, numa quase tendência de elogio mútuo, muito comum na época<sup>31</sup>. Tal procedimento, particularmente evidente nas edições das obras do barroco peninsular, foi criticado por alguns<sup>32</sup>, mas era apreciado pela grande parte de autores e leitores. Para os autores das obras, estes textos significavam a apreciação pelo círculo intelectual que os rodeava. Para os autores dos pequenos textos poéticos laudatórios, a publicação trazia visibilidade. Estes últimos nem sempre apareciam totalmente identificados, pois ora assumiam explicitamente a autoria ora se apresentavam sob anonimato ou uma qualquer outra forma de ocultação parcial da identidade. Três obras de soror Tomásia Caetana incluem textos laudatórios assinados «por hum anonymo», pelo que apenas se pode conjecturar que se tratará de alguém que quis dar o seu apoio à obra da religiosa, sem oferecer o nome. A partir de 1758, as publi-

<sup>27</sup> ABREU, 2010: 111-112.

<sup>28</sup> Em SANTA MARIA, 1754a.

<sup>29</sup> ABREU, 2010: 98-99.

<sup>30</sup> MORUJÃO, 1993: 131.

<sup>31</sup> A própria soror Tomásia Caetana de Santa Maria elaborou um texto de louvor à companheira religiosa soror Maria Rita do Sacramento, em *Romance consolatório (a ElRey ínclito, augusto, e fidelíssimo nosso senhor D. Joseph I. Na morte de seu augustíssimo pay o senhor rey Dom João V. Da saudosa memoria. SACRAMENTO, [s.d.]*.

<sup>32</sup> Cervantes era um dos autores que parodiava e criticava a quantidade de textos poéticos laudatórios que acompanhavam algumas edições. CAYUELA, 1996: 76-77.

cações apresentam textos laudatórios devidamente identificados, embora sejam sempre os mesmos dois autores a assiná-los: António Correia Viana, que assina quatro textos, e Caetano Francisco Xavier de Zuniga, que assina dois.

Este último autor tinha os cursos de Cânones e Leis da Universidade de Coimbra<sup>33</sup>. Era, portanto, homem de leis e poeta, tendo chegado a assinar pelo menos uma censura do Ordinário. Sabe-se que entrou em polémica com o poeta seu contemporâneo Domingos dos Reis Quita<sup>34</sup>. Terá gozado de alguma fama na cidade de Lisboa, uma vez que o seu nome surge associado a uma lista de famílias com estatuto na zona de São Bento desta cidade<sup>35</sup>.

O autor que mais vezes participou em textos laudatórios às obras de soror Tomásia Caetana é António Correia Viana. Embora se desconheçam elementos biográficos que permitam localizar com segurança esta personalidade, não se pode deixar de referir a sua relevância para a cultura portuguesa, pelo seu inequívoco papel de divulgador de poemas e autores. O seu nome surge, com alguma frequência, nas bibliotecas e arquivos portugueses, como compilador de autores seus contemporâneos<sup>36</sup>, mas também como autor de textos de louvor a outros escritores e de poesia de circunstância. Estes textos de intenção sociopolítica de António Correia Viana demonstram não só que o género textual ao serviço do poder era particularmente popular à época, como também que os autores desse mesmo género se articulavam em rede entre si, porventura procurando apoio mútuo. Eventualmente, poder-se-á arriscar dizer que António Correia Viana, alguém que tinha uma clara afinidade com os elementos do círculo literário seu contemporâneo, era conhecido de Manuel de Mira Valadão, o que poderia explicar a sua presença regular nas publicações de soror Tomásia Caetana. Um último dado de interesse consiste no facto de que, além dos quatro textos de soror Tomásia Caetana aos quais dedica linhas de apreço, já antes António Correia Viana mostrara publicamente a sua estima pela literatura feminina conventual, ao dedicar, em 1744, um soneto a soror Madalena da Glória, por ocasião da sua edição de *Águia Real, Fénix Abrasado, Pelicano Amante*.

Na amostra singular de obras de soror Tomásia Caetana, vários tipos de paratextos — folhas de rosto, dedicatórias, textos laudatórios — exibem a movimentação de indivíduos, quer de forma ativa, assinando e dedicando textos, quer de forma aparentemente passiva, como objeto de atenção e de requerimento da parte de outros. Gérard Genette referiu-se ao espaço textual do paratexto como:

<sup>33</sup> Conforme AUC. *Livros de Matrículas da Universidade de Coimbra*.

<sup>34</sup> Ao assinar a censura do Ordinário das *Obras Poéticas de Domingos dos Reis Quita* (1767), Xavier de Zuniga referiu que encontrou alguns sonetos «errados nos preceitos da arte com lunares de semitoantes, e semicadentes, defeitos, que os antigos não conheceram, e quasi todos os modernos ignoram». Esta censura será criticada tanto por Filinto Elísio (Francisco Manuel do Nascimento), em *Obras de Filinto Elísio* (1837), como por Manuel Inácio de Sousa. Cf. TOPA, 1998: 135-137.

<sup>35</sup> Cf. SEQUEIRA, 1917: 109.

<sup>36</sup> Já anteriormente se referiu a sua compilação manuscrita de textos poéticos de Luís Borges de Carvalho.

*Une zone non seulement de transition, mais de transaction: lieu privilégié d'une pragmatique et d'une stratégie, d'une action sur le public au service, bien ou mal compris et accompli, d'un meilleur accueil du texte et d'une lecture plus pertinente — plus pertinente, s'entend, aux yeux de l'auteur et de ses alliés<sup>37</sup>.*

Assegurando que a obra que anuncia seja bem recebida e interpretada, o paratexto é então um lugar de estratégia, não só através das palavras introdutórias, mas sobretudo — como se tentou evidenciar — através da ponderada escolha de intervenientes, sejam eles autores, patrocinadores ou dedicatários. Existe, de facto, uma transação nos paratextos, uma operação negocial de transferência de poderes e de influências, pela qual alguns agentes solicitam aprovação socioliterária, e outros confirmam a autoridade e competência do autor em questão. Na Época Moderna, a natureza marginal e transaccional do paratexto é apenas aparente, uma vez que, frequentemente, é o jogo de influências aí manifesto que permite a um autor ter mais — ou menos — sucesso.

Embora de pequenas dimensões, a rede tecida em torno da figura de soror Tomásia Caetana foi suficiente para lhe reservar um lugar entre os autores editados do século XVIII — aliás, pela quantidade de exemplares encontrados ainda hoje em livreiros antiquários e nos catálogos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, da Biblioteca Nacional, da Biblioteca da Ajuda e da Biblioteca Pública de Braga, terá tido uma tiragem generosa. Entre laços de parentesco e laços clientelares (que regiam a troca, a requisição e a disseminação de textos poéticos entre os vários intervenientes), soror Tomásia Caetana utilizou o gesto da escrita e a prática da literatura ao serviço de interesses individuais (difundindo o seu nome como autora publicada), interesses familiares (exaltando o nome de Manuel de Mira Valadão como mecenas de textos dirigidos à família real e aos seus imediatos, o que lhe poderia granjear boas graças para a sua carreira profissional) e interesses coletivos (promovendo a sua comunidade conventual de Santa Cruz de Vila Viçosa, que seguramente colheria frutos financeiros ao apresentar o seu tributo poético à corte vigente).

## FONTES

### Arquivo da Universidade de Coimbra

AUC. *Fundo Documental da Universidade de Évora* (1559-1759). *Livros de Matrículas da Universidade de Évora*.

AUC. *Livros de Matrículas da Universidade de Coimbra*.

### Arquivo Distrital de Évora

ADE. Mç. n.º 27, Proc. N.º 234.

### Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ANTT. *Livros de Batismos de Santa Justa* (Freguesia).

---

<sup>37</sup> GENETTE, 2002: 8 (destaque do autor).

## BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (1750). *Culto fúnebre à memoria sempre saudosa do fidelissimo, augusto, magnifico, e pio monarca o senhor D. João V rey de Portugal*. Collecção I e II. Lisboa: Francisco Luís Ameno.
- ABREU, Laurinda (2010). *A organização e regulação das profissões médicas no Portugal Moderno: entre as orientações da Coroa e os interesses privados*. In AA.VV. *Arte médica e imagem do corpo: de Hipócrates ao final do século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, pp. 97-122.
- BROWN, David M.; SOTO-COROMINAS, Adriana; SUÁREZ, Juan Luis (2017). *The Preliminaries Project: Geography, Networks, and Publication in the Spanish Golden Age*. «Digital Scholarship in the Humanities». 32:4, 709-732.
- CAYUELA, Anne (1996). *Le Paratexte au Siècle d'Or: Prose Romanesque, Livres et Lecteurs en Espagne au XVII<sup>e</sup> Siècle*. Genebra: Librairie Droz.
- GENETTE, Gérard (2002). *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil; Éditions Points Essais.
- MACHADO, Diogo Barbosa (1752). *Bibliotheca Lusitana, Historica, Critica, e Cronologica*. Lisboa: na Officina de Ignácio Rodrigues, tomo III.
- MORUJÃO, Isabel (1993). *Entre o convento e a corte: algumas reflexões em torno da obra poética de Soror Tomásia Caetana de Santa Maria*. In *Espiritualidade e corte em Portugal: séculos XVI a XVIII*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa; FLUP, pp. 123-142. Anexo V da «Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas».
- MORUJÃO, Isabel (1995). *Contributo para Uma Bibliografia Cronológica da Literatura Monástica Feminina Portuguesa dos Séculos XVII e XVIII (Impressos)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa.
- MORUJÃO, Isabel (2013). *Por Trás da Grade: Poesia Conventual Feminina em Portugal (Séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SACRAMENTO, Soror Maria Rita do [s.d.]. *Romance consolatório (a ElRey ínclito, augusto, e fidelissimo nosso senhor D. Joseph I. Na morte de seu augustissimo pay o senhor rey Dom João V. Da saudosa memoria*. [S.l.:s.n.].
- SANTA MARIA, Soror Tomásia Caetana de (1743). *Expressoens de hum devoto arrependimento à imagem de Christo crucificado, que se venera no Convento de Santa Cruz de Villa Viçosa*. Lisboa: Pedro Ferreira.
- SANTA MARIA, Soror Tomásia Caetana de (1750). *Relaçam nova, que a pia devoção dedica á soberana imagem da Senhora do Rosário sita no Real Convento de S. Domingos desta cidade, em que se attribue a castigo de Deos pelos pecados do mundo a falta de agoa, que anunciava fertilidade; sahindo em procissão varias imagens milagrosas, assim nesta Corte, como em Villa-Viçosa, e mais parte da Christandade*. Lisboa: Pedro Ferreira.
- SANTA MARIA, Soror Tomásia Caetana de (1753). *Saudosas expressoens de hum reverente, e obsequioso affecto na sensivel morte do Desembargador Luiz Borges de Carvalho*. Lisboa: Pedro Ferreira.
- SANTA MARIA, Soror Tomásia Caetana de (1754a). *Sentidas expressoens de hum peito magoado na morte do eminentissimo senhor S. Thomaz de Almeyda cardeal patriarca primeiro de Lisboa &c*. Lisboa: Bernardo António de Oliveira.
- SANTA MARIA, Soror Tomásia Caetana de (1754b). *Ultimas expressoens de Portugal, na sentidissima morte da augustissima rainha a senhora D. Marianna de Austria*. Lisboa: Doutor Manuel Álvares Solano.
- SANTA MARIA, Soror Tomásia Caetana de (1758). *Despertador quotidiano*. Lisboa: Pedro Ferreira.
- SANTA MARIA, Soror Tomásia Caetana de (1759). *Dezafogo da pena mais sentida*. Lisboa: Pedro Ferreira.
- SANTA MARIA, Soror Tomásia Caetana de (1760). *Gloria de Portugal nos felicissimos desposorios da serenissima senhora princeza do Brazil com o serenissimo senhor infante D. Pedro*. Lisboa: Pedro Ferreira.

- SANTA MARIA, Soror Tomásia Caetana de (1761). *Jubilos festivos de Portugal e suas conquistas: Ao nascimento do serenissimo principe da Beira Dom Jozé Francisco Xavier de Paula Domingos Antonio Agostinho Anastacio*. Lisboa: Pedro Ferreira.
- SANTA MARIA, Soror Tomásia Caetana de (1763). *Relaçam à sentidíssima, e sempre lembrada morte do serenissimo senhor infante Dom Joam, na sua tenra idade*. Lisboa: Pedro Ferreira.
- SANTA MARIA, Soror Tomásia Caetana de (1766). *Queixas da saudade na falta do serenissimo senhor D. Manoel infante de Portugal*. Lisboa: Pedro Ferreira.
- SANTA MARIA, Soror Tomásia Caetana de (1767). *Venturas da Lusitana no fausto felicissimo nascimento do serenissimo senhor Dom Joam José Maria Francisco Xavier de Paula Luiz Antonio Domingos Rafael infante de Portugal*. Lisboa: Pedro Ferreira.
- SEQUEIRA, Matos (1917). *Depois do terremoto. Subsídios para a história dos bairros ocidentais de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, vol. II.
- TOPA, Francisco (1998). *Poesia dispersa e inédita do setecentista Manuel Inácio de Sousa*. Porto: [Edição de autor].

